

NARRATIVAS DE SI DE FUTUROS DOCENTES: RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA PESQUISA-FORMAÇÃO

Autor(es): Luciana Rodrigues Leite¹ ; Ana Paula Martins Farias Vasconcelos²; Andrea Abreu Astigarraga³

¹ Docente/pesquisadora, FAEC/UECE, Curso de Química. E-mail: luciana.leite@uece.br,

² Docente/pesquisadora, UAB/UVA, Curso de Pedagogia. E-mail: anapaulafariasvasconcelos@hotmail.com

³ Docente/pesquisadora, CENFLE/UVA, Curso de Pedagogia. E-mail: andrea_astigarraga@uvanet.br

Resumo: Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa-formação realizada com licenciandos do primeiro semestre do curso de Química de uma IES cearense. Na referida proposta, recorreu-se a elaboração e discussão/reflexão de narrativas (auto)biográficas, por meio de diários reflexivos e sessões reflexivas, instrumentos por meio dos quais os acadêmicos fizeram o percurso de caminhar para si, na perspectiva jossoniana. Neste recorte é discutido sobre os elementos formativos que permearam a primeira parte das narrativas produzidas, e versaram sobre o eu pessoal, social, escolar/acadêmico e profissional dos futuros docentes. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em analisar os contributos da inserção de narrativas (auto)biográficas no contexto da formação inicial de professores. Observou-se que a produção das narrativas possibilitou aos licenciandos reflexões sobre diferentes aspectos que os constituem e se inter-relacionam pessoal-profissionalmente, um processo (auto)formativo que favoreceu o autoconhecimento e autoreflexão acerca das dimensões pessoais, profissionais e coletivas dos sujeitos imbricados no processo.

Palavras-chave: Formação docente, Diários Reflexivos, Educação Química, Narrativas de Formação.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Para Rodgers (2002), o processo de narrar a própria experiência possibilita ao sujeito reconstruir sua trajetória e lhe oferecer novos sentidos, estabelecendo uma relação dialética entre experiência e narrativa, mediada pelos processos reflexivos. A narrativa de si, na acepção de Josso (2006), possibilita ao narrador questionar-se e analisar diferentes elementos de sua constituição pessoal-profissional, pois “[...] oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação” (JOSSO, 2008, p. 27).

Ao narrar-se há evidências da fala de um mundo experimentado, que se vive e projeta-se viver, a construção de um mundo pautado nos relatos vividos, constitutivos de experiências que se configuram em função de novos propósitos. Isto posto, ao termos a pessoa e suas ações como fundamento do conhecimento, colocamos a narrativa como eixo central no percurso formativo. Aspectos que, para Nóvoa (2004, p. 9), são urgentes no contexto contemporâneo:

Durante muito tempo o mundo foi visto como estrutura e como representação. Impõe-se, agora, vê-lo também como experiência, o que obriga à invenção de uma nova epistemologia do sujeito. Olhando para os livros escritos nas últimas décadas, surge de imediato a questão: onde é que estão as pessoas?

Nesta perspectiva, altera-se o eixo do saber e conhecer sobre as coisas para evidenciar



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

quem conhece as coisas, no intento de conhecer as pessoas e a forma como elas se portam diante do que conhecem, visto que não se objetiva o descobrimento do sujeito, mas criar possibilidades narrativas com pretensão que eles se reinventem, ao “caminhar para si” por meio do que se costura nos relatos de vida.

As narrativas podem ser inseridas no contexto formativo docente mediante a escrita de memoriais de formação (ABRAHÃO, 2011), cartas pedagógicas (FREITAS, 2015), dentre outras ferramentas. Neste trabalho recorreu-se a produção de Diários Reflexivos por reconhecê-los como instrumentos estimuladores de reflexão, criticidade e autonomia por parte de futuros docentes, visto possibilitar a experiência de olhar para si e, conseqüentemente, a autocompreensão enquanto sujeitos inacabados e aprendentes.

Isto posto, no decorrer de um semestre, 10 licenciandos em Química foram convidados a elaborar Diários Reflexivos e olhar para suas experiências formadoras, enquanto sujeitos individuais e coletivos. Para tanto, no primeiro dia de aula, lhes foi apresentada a proposta formativa, de modo que a cada 15 dias foram dados novos direcionamentos de aspectos que deveriam ser narrados/refletidos por eles. À cada aula, foram retirados de 15 a 20 minutos para discussões/explanações sobre as narrativas produzidas, por meio de Sessões Reflexivas.

No recorte abordado neste trabalho, são abordados/discutidos somente os elementos da primeira parte dos Diários, lócus no qual foram elaboradas narrativas acerca do eu pessoal, social, escolar/acadêmico e profissional dos futuros docentes. Os licenciandos produziram narrativas (auto)biográficas, aqui entendidas como elementos de pesquisa e de formação (JOSSO, 2004) que permitem o encontro entre o eu pessoal e profissional docente, mediante a apropriação dos processos de formação e conseqüente atribuição de sentido a esses elementos no quadro de suas histórias de vida (NÓVOA, 2004). Diante do exposto, o objetivo deste trabalho consiste em analisar os contributos da inserção de narrativas (auto)biográficas no contexto da formação de licenciandos em Química.

MATERIAL E MÉTODOS

Amparado na abordagem qualitativa e nos pressupostos da pesquisa narrativa, foi desenvolvida uma pesquisa-formação com 10 licenciandos em Química de uma IES cearense. A pesquisa-formação, segundo Josso (2004, p. 113), é “[...] uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer”, assim, tanto o pesquisador-formador como os narradores tornam-se sujeitos do processo, mediante encontros intersubjetivos de partilha, locus no qual o conhecimento é produzido. É pertinente ressaltar que esse conhecimento se apoia nas experiências vivenciadas por esses sujeitos e que, a depender da intensidade, tende a produzir conscientização e transformação naqueles que se inserem (JOSSO, 2004).

Assim, no decorrer de um semestre, 10 acadêmicos do primeiro período de um curso de Licenciatura em Química cearense elaboraram narrativas escritas em seus Diários Reflexivos (quinzenalmente) e narrativas orais em Sessões Reflexivas (semanalmente). Neste trabalho, é abordado apenas o primeiro ciclo de produção das narrativas, que versou sobre o eu pessoal, social, escolar/acadêmico e profissional dos licenciandos, conforme direcionamentos dispostos no Quadro abaixo:

1º CICLO – ESCRITA DE SI	
EIXOS	ORIENTAÇÕES/DIRECIONAMENTOS
Eu pessoal	Quem é você? (características físicas, de personalidade, etc.) De onde você vem? Quais lembranças marcaram sua infância e adolescência? O que lhe faz feliz? Quais seus interesses pessoais?
Eu social	Como são suas relações familiares? E com os amigos? Quais as características de sua vida social?



	O que costuma fazer para se divertir?
Eu escolar/ acadêmico	Como foram seus primeiros contatos com a escola? Que recordações marcam esse período? Com quais disciplinas você se identificava, e porquê? Que pessoas ou sensações marcaram sua trajetória na escola? Quais suas características como aluno? Esse é seu primeiro curso de graduação? Por quê decidiu cursar Química? E um curso de Licenciatura?
Eu profissional	Já teve experiências no mercado de trabalho (formal ou informal)? Você pretende exercer a docência? Quais motivações o fizeram tomar essa decisão?

Quadro 1 – Ideias orientadoras para a elaboração das narrativas, pelos licenciandos

Para cada eixo, os licenciandos produziram uma narrativa escrita em seus Diários Reflexivos. E, no decorrer dos encontros, nas Sessões Reflexivas, os elementos mais marcantes foram oralizados/debatidos/refletidos em grupo. Para as narrativas orais, a palavra foi facultada, assim, os narradores foram somente aqueles alunos que se sentiram à volta de para tal, embora os demais estivessem presentes, ouvindo e interagindo com as histórias.

Baseado no exposto, a seguir são apresentados e discutidos aspectos das narrativas desses sujeitos que demarcam a relevância e contributos da inserção de narrativas (auto)biográficas no contexto formativo docente, fundamentando-os na literatura correspondente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A elaboração das narrativas permeou elementos da constituição pessoal dos licenciandos, no intento de possibilitar-lhes o (auto)conhecimento de suas histórias e de relações com o saber, baseado nos pressupostos inerentes à pesquisa-formação nos moldes jossonianos, uma “[...] metodologia de pesquisa e de formação orientada por um projeto de conhecimento coletivo e individual, associado a um projeto de formação existencialmente individualizado” (JOSSO, 2010, p. 113).

Mediante esta imersão no “eu pessoal” os licenciandos tiveram a oportunidade de refletir sobre diferentes aspectos que os constituem e se inter-relacionam pessoal-profissionalmente, conforme exposto nos extratos, a seguir:

Desde criança sempre falava durante as brincadeiras que quando crescesse queria ser professora, amava brincar de escolinha, e ao decorrer do ensino fundamental e médio sempre gostei de estudar com meus colegas e de ajudá-los quando necessário. Assim, fazer licenciatura sempre foi parte dos meus planos, só não tinha decidido até o ensino médio em qual disciplina isso seria mais “a minha cara” (L1).

Eu sou uma pessoa tímida, que tem dificuldades em se comunicar, que tem medo do julgamento do outro, que tem vergonha de chegar em alguém, que tem vergonha em cumprimentar as pessoas, então eu escolhi a Licenciatura para me desafiar e sair dessa zona de conforto. Pra ser professora eu vou precisar me comunicar, falar em público, ter contato com muita gente e eu penso que isso vai ajudar a me tornar uma pessoa melhor (L2).

Entre pro curso técnico em edificações e logo no primeiro dia de aula perguntaram o porquê de termos escolhido esse curso, então eu vi gente dizendo que queria fazer faculdade de engenharia, outros queriam arquitetura. E eu? Nem sequer sabia o que queria ser ou cursar, mas segui o bonde e disse engenharia (quem nunca né?) desde então não sabia para que curso superior eu iria fazer, só sabia que a partir daquele dia eu iria para a faculdade (L3).

Estas narrativas ilustram os diferentes motivos que encaminharam os acadêmicos a se



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

inserir em um curso de Licenciatura. Eles relataram, ainda, sobre relações familiares, amizades, hobbies e experiências escolares, apresentando reflexões individuais e coletivas sobre o(s) seu(s) modo(s) de ser, e mostrou-se recorrente a preocupação dos licenciandos em relação a precarização do trabalho docente, às dificuldades que permeiam a profissão e as incertezas que eles detinham, conforme ilustrado a seguir:

Não sou ingênuo, percebo o quanto é desafiador lecionar, entretanto, eu me sinto bem ao ensinar, é gratificante para mim (L4).

Fico pensando no quanto o professor é desvalorizado. Hoje vi uma reportagem em que o aluno bateu em uma professora e fiquei pensando se é isso mesmo que quero para a minha vida: ter uma profissão importante e tentar fazer a diferença na vida das pessoas, mas mesmo assim não ser reconhecida (L5).

É importante destacar que no decorrer das Sessões Reflexivas teve-se a constante preocupação de que os narradores produzissem conhecimentos de si e os inscrevessem em um projeto de conhecimento que fizesse sentido para eles (JOSSO, 2010). Assim, nas discussões, buscou-se que fosse dado sentido a estas narrativas no momento atual, refletindo sobre seus interesses/pensamentos/anseios no tempo presente, haja vista que, conforme abordado por Josso (2004), o diálogo dos narradores (licenciandos) com o investigador desperta a expressão dos significados das suas experiências, estimulando-os a explicitarem como chegaram a conhecer o que conhecem, na constituição da experiência formadora. Segundo a referida autora,

[...] o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros (JOSSO, 2004, p. 39).

Por fim, é pertinente destacar o caráter autoformativo que acompanhou esta experiência, conforme ressaltado pelos próprios acadêmicos em suas narrativas.

Quando eu era mais nova gostava de ter um diário e anotar tudo o que fazia e iria fazer, com o tempo e outros fatores eu deixei esse hábito de lado, porém pude perceber que é um exercício tão simples, mas tão essencial que vou continuar com o projeto, pois ele me abriu novos horizontes (L6).

Achei incrível escrever esse diário. A princípio me encontrei com dificuldades, não sabia o que escrever, por onde começar, quem eu realmente era. Fiquei com receio de escrever sobre mim mesma e ser desaprovada ou sei lá, no entanto mesmo assim fiz e recebi um bom comentário da professora. Foi uma ótima experiência pensar em quem fui, o quanto evoluí e aonde ainda quero chegar (L7).

Essas falas ratificam a compreensão de Nóvoa (2004) acerca da emergência de uma formação que cultive espaços e tempos para o autoconhecimento e autoreflexão acerca das dimensões pessoais, profissionais e coletivas do professorado, bem como demonstram a relevância da pesquisa-formação ora desenvolvida com os licenciandos em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

A inserção de narrativas (auto)biográficas no contexto da formação inicial dos futuros professores de Química, participantes desta pesquisa-formação, possibilitou-lhes a inserção em uma experiência (auto)formativa na qual tiveram a oportunidade de refletir sobre diferentes aspectos que os constituem e se inter-relacionam em sua constituição pessoal-profissional, favorecendo o autoconhecimento e autoreflexão acerca das dimensões pessoais, profissionais e coletivas dos sujeitos imbricados no processo.

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas (GEPAS)

REFERÊNCIAS (Até um máximo de 15)

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, 2011. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8708>

JOSSO, M.C. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E. C.; MENNA-BARRETO, M. H. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

JOSSO, M. C. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, M. da C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 23-50

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, A. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

RODGERS, C. Defining reflection: another look at Jonh Dewey and reflective thinking. **Teach. Coll. Rec.**, v. 104, n. 4, p.842-66, 2002.